

Sustentabilidade comunicativa: a favela nas redes sociais e o exercício do direito à cidade

Fábria de Castro Lemos¹

Resumo:

Na sociologia urbana, a favela corresponde à determinada leitura de realidade, que conduz a uma categorização reducionista, revelando um espaço social segregado. O exercício de resistência dessa visão encontra mote na utilização das redes sociais por moradores de favela. A utilização das redes sociais, nesse sentido, carrega significados e se traduz em exercício de direito. Se por um lado, conduz a representação de si e do espaço da favela para o mundo, por outro concorre com o exercício do direito de resistência em face dos legados simbólicos da favela, demonstrando-se instrumento que promove a sustentabilidade comunicativa à medida que conjuga, por meio do instrumento de comunicação, outras formas representativas do cotidiano e dos espaços da favela.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Comunicativa; Favela.

Abstract:

In urban sociology, the favela corresponds to a certain reading of reality, which leads to a reductionist categorization, revealing a segregated social space. The resistance exercise of this vision finds its motto in the use of social networks by favela residents. The use of social networks, in this sense, carries meanings and translates into exercise of right. If, on the one hand, it leads to the representation of itself and the space of the favela to the world, on the other it contributes to the exercise of the right of resistance in the face of the symbolic legacies of the favela, demonstrating itself as an instrument that promotes communicative sustainability as it conjugates through the instrument of communication, other forms representative of the daily life and spaces of the favela.

Keywords: Sustainability; Communicative; Favela.

A expansão das tecnologias de informação contribuiu para a remodelagem das bases da sociedade, demandando com isso novas observações acerca das relações sociais empregadas mediadas pelos recursos tecnológicos. Nessa perspectiva, as inferências dos sistemas de comunicação

¹ Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (Unigranrio). E-mail: fabriaclemos@bol.com.br

se demonstram como veículos percursoros da integração de ideias, revelando elementos culturais e práticas sociais dos indivíduos, possibilitando ainda a inclusão de representantes e grupos considerados excluídos sociais, como as favelas e entidades do terceiro setor, as quais se encontram engajadas na luta pelos direitos dos considerados vulneráveis.

As redes sociais favorecem a visibilidade das lutas e dos movimentos sociais nesses espaços considerados pela sociologia urbana como lugares segregados, propiciando novas formas de produção da existência, (re)modelando esses ditos “espaços subalternos” e as relações empregadas nele.

Dessa forma, as redes sociais conferem relevos na nova perspectiva democrática. Os espaços cibernéticos representam a extensão do espaço social, (re)dimensionando as noções de relações espaciais e as identidades produzidas.

O exercício do direito se torna cambiável no espaço, mediante a utilização das redes sociais, dinâmica que encontra no Marco Civil da Internet no Brasil², a razão e fundamento desse mosaico que emerge novas formas de pactos sociais.

O fundamento e respeito à liberdade de expressão ganham novos relevos, para além do texto constitucional formal, mas na regulamentação do exercício de direito humano e da diversidade no espaço cibernético, permitindo o uso das redes sociais como instrumento de auto representação.

A autorrepresentação no uso das redes sociais, pelos moradores da favela, tem se delineado ainda como uma prática de resistência aos modelos categorizadores da favela como espaço segregado, visibilizando as práticas sociais e culturais de grupos e do espaço da favela em si, rompendo gradativamente com a simbologia do mal que marca a noção de sentido das favelas. A dinâmica entre os sentidos construídos atribuídos à favela no cenário urbano ganha espaço de negociação nas redes sociais, redefinindo-se na sociedade, nivelando de certa forma o domínio de disputas as quais são

² Marco Civil da Internet no Brasil - Lei 12.965, de 23 de abril de 2014, art. 2º inciso II e III.

estabelecidas entre as representações do “ser” e da identidade no mundo físico e no virtual.

Nesse cenário, órgãos de representação das favelas do terceiro setor, como Viva Rio, Viva Favela, Observatório das Favelas, e as próprias favelas³ em si criam suas páginas nas redes sociais, implicando o surgimento de novas formas de representação e produção social e permitindo o acesso ao mundo fora dos muros que cercam o espaço.

A comunicação viabiliza o acesso ao mundo externo, ensejando a visibilidade das favelas no espaço virtual, por meio das narrativas das redes sociais, demonstrando o cotidiano levado para a comunidade social ampliada, fundada na sustentabilidade dessas redes de comunicação que passam a divulgar as favelas pelas práticas sociais concretas mantidas em seus espaços.

Dessa forma, a favela se revela como lugar que encontra na produção da cultura o produto da dimensão do viver, revelando no espaço cibernético sua existência e seus modos de produção (TUAN, 1983) e provocando impactos de várias ordens no tecido social local.

A democratização das representações nos espaços das redes sociais se torna permeada pela horizontalidade valorativa ou igualdade cibernética. Esse ciclo promove um novo exercício de direito à cidade que passa a ter um universo representativo para além da delimitação física da cidade em si.

O objetivo do presente ensaio consiste em analisar as manifestações nas redes sociais por moradores de favela, mantendo como hipótese a concepção de que esse veículo de comunicação pode promover a autorrepresentação da favela, numa perspectiva de ruptura da simbologia do mal carregada pelos espaços periféricos. A partir do exercício desse meio de comunicação, é possível conceber uma nova forma de aceção de representação espacial, que desloca a favela e a cidade das delimitações do espaço físico, (re) dimensionando suas representações no espaço virtual, e com isso, gerando novas produções de identidade. Essa dinâmica comunicativa se

³ Como no caso da Favela Barreira de Rocha Miranda, localizada na zona norte do Estado do Rio de Janeiro, que criou sua página nas redes sociais para divulgar os eventos locais, e acontecimentos do espaço. Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Barreira-De-Rocha-Miranda-Brm/348844141891114?fref=ts>

consolida nas resistências às representações reificadas que tratam a favela como *lócus* de significado subalterno e, portanto, reduzido.

Nossa reflexão propõe a noção de que o exercício do direito à cidade é mediado pelos espaços cibernéticos das redes sociais, se descortina com dupla vertente: em um eixo, busca a inclusão do espaço material nas redes virtuais (re)significando a favela e as identidades nela produzidas; e em outro, emerge o direito de resistência à concepção reduzida da favela como a simbologia do mal urbano, direito inserido no ciclo de construção de sustentabilidade comunicativa cibernética, no esteio da própria representação proposta pelas favelas.

Para a construção do presente trabalho, partimos da observação das relações sociais e locais estabelecidas em uma favela no bairro de Rocha Miranda, situada na zona norte do Estado do Rio de Janeiro, na empreitada da identificação e compreensão das negociações elaboradas no espaço, as quais se traduziam em benefício ao grupo observado.

Nesse sentido, a utilização da internet se revelou instrumento de manifestação e exercício de direitos à medida em que conduzia formas diferenciadas de (auto)rrepresentação do grupo observado, conferindo outros signos ao espaço da favela.

As lutas pela urbanidade não se atêm tão somente aos espaços urbanos físicos, mas se estende ao espaço virtual em que o urbano se localiza. Para além da materialidade territorial concreta, pode ser o urbano considerado em na subjetividade cibernética das redes sociais quando se considera o ambiente virtual como espaço de práticas sociais.

O presente trabalho é produto de pesquisa empírica, utilizando como procedimento teórico metodológico o aporte documental, bem como história oral (Meihy & Holanda, 2014), nas diretrizes estabelecidas pelo NEHO-USP, com a finalidade de valorizar as experiências dos colaboradores no cotidiano da favela dando voz e visibilidade a essas construções tecidas na favela observada, situada na zona norte do Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa, iniciada no ano de 2015, ainda se encontra em andamento. No entanto, dados parciais nos permitiram propor reflexões no tocante às relações estabelecidas no espaço,

como a utilização da internet pela favela para promoção local e exercício de direito.

Nesse sentido, a proposta de ensaio segue estruturada em três partes. Na primeira, buscamos inicialmente apresentar o *cenário da favela estudada*, descrevendo o espaço da favela e como foi historicamente constituída. Na segunda parte, descrevemos as estratégias do grupo para viabilizar os acessos delineados pela *comunicação estabelecida na favela*. Por fim, a terceira parte propõe reflexões acerca da *autorrepresentação e sustentabilidade comunicativa*.

O presente ensaio não pretende esgotar a temática, mas provocar novos debates acerca do exercício da autorrepresentação nas redes sociais em favelas como exercício de um direito à cidade e resistência à leitura verticalizada conferida a espaços urbanos, considerados subalternos pela “ausência” de elementos hegemonicamente pactuados.

O cenário comunicativo

A favela observada, como anteriormente apontada, localiza-se na zona norte do Estado do Rio de Janeiro, fincada no território de um bairro considerado de classe média, e surgiu em 1959. A organização do espaço é heterogênea, seja poder aquisitivo de seus moradores ou ainda pela condição de habitabilidade do espaço, o que revela a diversidade do lugar, que não reflete a organização urbana do bairro.

Em um primeiro momento, pode-se imaginar que o acesso à informação não seja um instrumento tão franqueado nos espaços da favela, em função do custo elevado dos serviços que destoam muitas vezes das condições econômicas suportadas por muitos de seus moradores. Mas as dificuldades não param por aí. Os obstáculos de acesso aos serviços de telefonia, internet e TV a cabo não se limitam exclusivamente às questões de ordem econômica – embora sejam essas mais preponderantes –, mas se situam ainda nas complicações enfrentadas para a oferta dos serviços de comunicação em certos pontos da favela, por inúmeros motivos.

Assim, como serviços primários, como água e luz, foram estrategicamente resolvidos pelos moradores no final da década de 1950, quando a favela apresentava o início de sua ocupação, a mesma solução foi encontrada quase sessenta anos depois, garantindo o acesso a esses mesmos serviços. Para entender uma das formas de negociação entre os moradores e as dificuldades que enfrentam, é necessário antes de tudo a compreensão da dinâmica de ocupação do espaço.

O bairro de Rocha Miranda recebeu, então, o embrionário processo de urbanização, em 1916, segundo Gerson (2015, p. 472), quando a família Rocha Miranda adquire as terras, promovendo a abertura de aproximadamente 40 ruas. Mas foi entre as décadas de 50 e 60 que o bairro assume uma ocupação nunca antes experimentada, resultado da expansão de bairros vizinhos (alguns proletários como Coelho Neto) e da chegada do cinema,⁴ conferindo nuances de cultura a um espaço que se organizava como um bairro.

A questão da habitação do bairro encontra associação com o processo de oferta do transporte público. Com a chegada da malha férrea, o bairro se torna alternativa de moradia, conjugando facilidade de acesso aos demais bairros e a mobilidade para o centro urbano, já que o trem ligava o bairro ao centro do Rio e às demais regiões da cidade. A linha férrea⁵, disponibilizando estação de trem ao bairro, era alternativa de transporte público rápido e barato. Era ainda opção de acesso a bairros vizinhos em franco desenvolvimento, como Madureira, Cascadura, além de ser opção para quem trabalhava nas imediações.

Por outro lado, Rocha Miranda se formou ao longo e paralelamente à linha férrea, compreendendo espaços que mantêm estações como Madureira e Magno (Mercadão de Madureira), o que, de certa forma, favorecia a distribuição gratuita de alimentos aos moradores de Rocha Miranda, que caminhavam até o centro de distribuição de alimentos, no mercado central de Madureira⁶, prática,

⁴ O Cine Guaraci, foi projetado e construído por Alcides Torres da Rocha Miranda, inaugurado em 1954, com 1.379 poltronas.

⁵ Assembleia de instalação realizou-se em 17 de maio de 1890. Resultado da fusão de duas estradas, a construção da linha auxiliar inicia em 02 de fevereiro de 1892, em Mangueira, chegando em 01 de novembro 1895 a Honório Gurgel. Atualmente incorporada à linha auxiliar, a Estrada de Ferro Central do Brasil (1889) inserida no trajeto da Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil (1890)⁵ a parada do Sapê (1911) reinaugurada como estação de Rocha Miranda (1920),

⁶ Alguns moradores da favela relatam que seus avós optaram por morar no espaço da favela por ser perto do mercado central de Madureira (atual mercadão de Madureira), onde caminhavam até o centro de

à época, que consistia no descarte pelos comerciantes de frutas e legumes, considerados impróprios para a comercialização, mas ainda prestáveis a alimentação.

Atualmente, a Centrais de Abastecimento do Estado do Rio de Janeiro (CEASA), localizada no bairro de Irajá, no entorno do bairro de Rocha Miranda, mantém nos dias de quinta feira, segundo relato de alguns moradores da favela do bairro, a distribuição de alimentos considerados comercialmente impróprios, gratuitamente, mantendo o costume iniciado pelo Mercado outrora.

Portanto, a dinâmica de ocupação do bairro segue dentro de alguns interesses: seja pela mobilização e facilidade de acesso a outras regiões do subúrbio até a estação Central do Brasil, seja pela proximidade do Mercado, o que viabilizava a obtenção de alimentos gratuitamente ou ainda pela possibilidade de aquisição de terras próprias, por preços abaixo daqueles praticados pelo mercado, já que o local até o fim da década de 70 não era reconhecido oficialmente como bairro. O fato é que Rocha Miranda só foi formalmente reconhecido como bairro na década de 1980, pelo Decreto nº 3158 de 23 de julho de 1981, que além de denominar o bairro, estabeleceu limites territoriais com bairros contíguos, como Honório Gurgel, Turiaçu, Bento Ribeiro, Madureira e Oswaldo Cruz.

O Índice de Desenvolvimento Social⁷ do bairro, segundo estudos das realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro, relatório apresentado pela Prefeitura da Cidade (2008), aponta o bairro de Rocha Miranda na 102^o posição geral, com índice de 0,556, considerado um bairro de classe média baixa⁸, segundo censo estatístico IBGE (2010).

As habitações nas regiões centrais do bairro mantêm valores elevados, o que faz com que pessoas com menos recursos busquem em áreas de ocupação da favela uma alternativa econômica viável de moradia, garantindo o

distribuição para recolherem legumes e frutas que eram doados. Essa prática passou de avô para pai, acompanhada por filhos. No mercado, tal prática foi registrada em entrevistas entre o período da década de 20 a 60, relatada por moradores idosos que acompanharam seus pais e avós, os quais se recordam de seus pais terem acompanhado seus avós para recolherem alimentos distribuídos.

⁷ http://portalgeo.rio.rj.gov.br/estudoscariocas/download/2394_%C3%8Dndice%20de%20Desenvolvimento%20Social_IDS.pdf

⁸ A variação do IDS nos 158 bairros oficiais ficou entre 0,854 e 0,277.

acesso à cidade e às demais regiões que apresentam uma agenda de serviços públicos no próprio bairro.

Se as habitações entre a cidade, o bairro e a favela significam uma espécie de categoria na organização social, na favela, é possível ainda identificar a fragmentação de classe que desenha geograficamente e culturalmente o espaço.

A informação na favela e a favela da informação

As diferenças econômicas se perpetuam nos espaços da favela, e isso afeta a própria condição do morador em ser protagonista e usuário de serviços públicos e privados ofertados na favela, como no caso de serviços regulares de internet com valor atribuído elevado, em se considerando a renda média de 60% dos moradores, que vivem às expensas de auxílios previdenciários e sociais, os quais perfazem um salário mínimo.

A estratégia de negociação emerge de acordo com as dificuldades enfrentadas. Alguns moradores com maior poder aquisitivo assinam serviços de internet regularmente fornecidos, disponibilizando a senha do roteador aos vizinhos que são, geralmente, familiares morando no mesmo quintal, compartilhando os serviços de comunicação, promovendo o rateio das despesas do serviço⁹ com os beneficiários da senha, o que além de baratear o serviço, torna acessível aos moradores que não têm condição de arcar com os custos do serviço individualmente, na integralidade.

A presença de computadores desktops ou notebooks é rara na favela, sendo evidente o maior número de utilização de smartphones e tablets, entre jovens e adultos, os quais afirmam fazer uso preponderantemente de redes sociais, como facebook e whatsapp - este último apontado como sendo um meio de economia nas chamadas, uma vez que muitos jovens não possuem um serviço de telefonia pós-paga.

⁹ O rateio em algumas vezes chega até ao valor de R\$ 1,00 (um real) por beneficiário da senha pagos ao fim do mês ao assinante do serviço, o que permite a conjugação do montante integral para pagamento da fatura da operadora de internet, em média de R\$ 69,90 a R\$ 130,00 dependendo do pacote assinado.

O uso de serviços de telefonia celular na modalidade pré-pago se tornou elevado na favela, o mais consumido na localidade. No entanto, tal serviço disponibiliza transmissão de dados precariamente, o que por muitas vezes não atende à necessidade do usuário, que busca no amigo assinante de serviços de internet banda larga a solução no compartilhamento da senha do roteador, ampliando sua própria utilização, quando se trata de acessos a redes sociais como facebook.

A ampla e irrestrita utilização da ferramenta do facebook pelos moradores da favela faz com que nossa observação recaia sobre as formas de apropriação dessa rede social pelos moradores e como essas formas de apropriação passam a delinear uma representação que refuta a concepção reiterada da favela como espaço socialmente reduzido. Analisamos como o emprego dessa rede social tem o condão de elaborar uma contrarrepresentação dos espaços tidos como reificados¹⁰ da favela, gerando um direito que resiste a essa concepção hegemônica de favela como espaço mínimo.

A estratégia de garantia do acesso à internet na favela perpassa pela noção do coletivo, modelando novas formas de consumo e relações contratuais, consolidando uma espécie de democracia aos acessos de comunicação via internet, visando principalmente a promoção do comércio local, eventos da favela, ações comunitárias e sociais, ou mesmo na oferta de serviços autônomos no ramo alimentício com a oferta de lanches rápidos e refeições diárias entregues em marmitex (chamada de quentinhas) no domicílio do consumidor.

O consumo na favela é outra dinâmica que nos prende a atenção. A circularidade de serviços e mercadorias, divulgada nas imediações do bairro e na própria favela pelos moradores através de redes sociais, confere novos relevos nas relações sociais estabelecidas no local. Mesmo aqueles que jamais acessariam os espaços da favela por medo, consomem os produtos nela oferecidos por serviços de *delivery* realizados em motocicletas e também em bicicletas pelos jovens da região, que são remunerados com R\$ 2,00 (dois reais) por cada entrega feita no dia.

¹⁰ Noção que reduzindo o ser humano e sua sociabilidade a valores materialistas, coisificando a favela e, por conseguinte, seus moradores.

Essa dinâmica de consumo e divulgação em redes sociais aqueceu de certa forma o mercado comercial na favela. As iniciativas próprias dos moradores buscam (re)elaborar o seu cotidiano e suas práticas - seja alguns moradores que não dispõem de tempo, que se fazem consumidores, seja aqueles que necessitam de fonte de renda para se manter na atualidade.

Das entrevistas, pudemos verificar que a maioria dos entrevistados, embora não tivesse concluído o Ensino Médio, manteve por período de tempo seus empregos, mas acabou sendo afetada pelo desemprego. A necessidade se mostra a instrutora de medidas e estratégias de sobrevivência, assim, as redes sociais assumem um papel de elevada importância nesse processo. Ainda que possam ser consideradas por alguns um uso recreativo, para boa parte dos moradores da favela, é o instrumento que garante a representação do espaço e das produções nele alinhavadas, consolidando, de certa forma, um movimento que resiste ao legado historicamente estabelecido na “favela”.

Autorrepresentação e a sustentabilidade comunicativa

“A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune.”

(Manifesto da Antropologia Periférica)¹¹

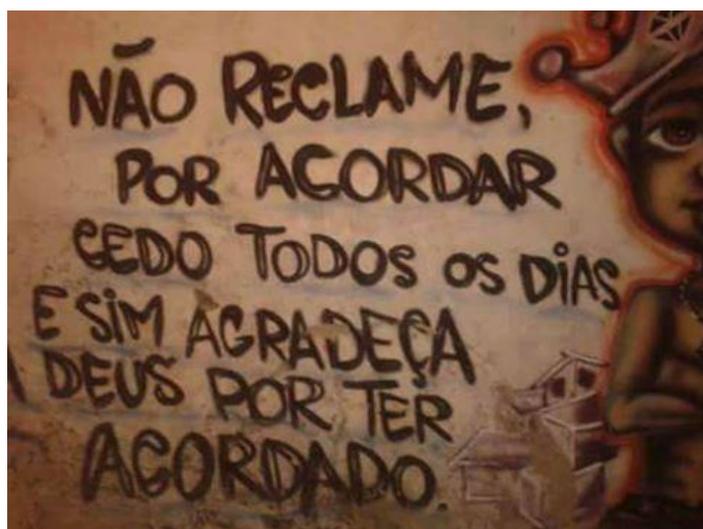
De certa forma, algumas concepções mitológicas atravessam o sentido de favela como espaço reduzido ou exclusivo *locus* de produção do mal, em se comparando aos escritos de Ricoeur (2013), seja pela *faute* apresentada no espaço que atesta a presença do mal ou ainda aliada a *souillure*, simbolizando a horda de impureza, permeando o entendimento da favela dentro da produção da “pseudo-gnose mitológica do mal”, mitificando o conhecimento acerca da favela. Assim, emerge a necessidade do estudo das relações concretas e do espaço que conduza ao entendimento das dinâmicas empregadas nas relações

¹¹ Sérgio Vaz, (2011). *Manifesto da Antropologia Periférica*. Fonte: <http://www.polifoniaperiferica.com.br/2011/12/manifesto-da-antropofagia-periferica-por-sergio-vaz/> acessado em 16 de março de 2017.

do indivíduo e da favela, rompendo assim com o pensamento de que a favela é espaço homogêneo.

A favela, então considerada espaço que constrói e valida representações do mundo social, tece o cenário das redes que desenvolvem as identidades dos sujeitos, ofertando certo protagonismo dentro do próprio processo de exclusão social e urbana a que foi relegada.

A página do facebook disponibilizada pela favela da Barreira12, com o mesmo nome, define na foto de perfil o espaço como lugar de recreação e atividades físicas, com postagens que incluem mensagens de fé, registros de nascimentos, aniversários e demais comemorações no espaço, a divulgação de um pequeno estúdio de som - disponibilizando serviço de gravação de composições de artistas locais -, anúncios de serviços de lanche, jovens que publicam suas próprias imagens, publicação de reuniões de grupos culturais locais - como os bate-bolas denominados Turma dos Muito Loucos (M.L. BRM). Há ainda anúncios de venda de sacolé (sorvetes caseiros vendidos em saquinhos), além de mensagens de incentivo diário ante ao cotidiano de morar na favela, gravadas nas paredes locais e replicadas na página virtual (abaixo), denotando os vínculos da comunidade e das relações estabelecidas entre o espaço físico e virtual.



Fonte: Facebook Barreira - Favela da Barreira Rocha Miranda

¹² <https://www.facebook.com/pages/Barreira-De-Rocha-Miranda-Brm/348844141891114?fref=ts>

Na compreensão de Castells (2012, p. 41), em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significação social. Nesse sentido, a identidade está se tornando a principal e, às vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla destruição das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais, fazendo com que as pessoas se organizem em torno daquilo que fazem, com base no que elas são ou acreditam que são.

Dessa forma, as redes sociais são instrumentos que veiculam uma certa representatividade identitária “do ser”, fundada no inter-relacionamento da comunicação celebrada nas comunidades virtuais, onde edificar e estabelecer se identidade(s) uma premência na organização social notadamente evidenciada na favela.

A identidade, como meio apontado na concepção de Castells (2012, p. 58), constitui o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado, principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais, o que não significa necessariamente a incapacidade de se relacionar com outras identidades ou abarcar toda a sociedade sob essa identidade. As relações sociais são definidas vis-à-vis às outras, com base nos atributos culturais que especificam a identidade.

Assim sendo, para Silva (2001), uma identidade pode ser construída a partir de duas dimensões: a pessoal (individual) e a social (coletiva) interligadas. Uma identidade social é definida e afirmada na diferença, uma vez que todas as propriedades de distinção somente existem na e pela relação, na e pela diversidade diferenciadora, na dialética entre semelhança e diferença, marcando os campos sociais como *locus* de produção das identidades.

A marca do campo social que define as relações como lugar de produção de identidade situa a favela em duas dimensões: física e cibernética, ou, como refletimos, propõe a expansão das dimensões físicas da favela, que encontram no ambiente virtual a dilação do seu campo social, e nesse jogo de

existência, conforme afirma Hall (1999), as novas identidades surgem para substituir aquelas que estão em vigor, deslocando as estruturas sociais.

A questão que permeia a representatividade não se resume ao olhar do outro, nem mesmo ao respeito pelas suas especificidades. Consiste na diversidade de percepções e leitura de mundo, depende dos acessos à imagem, à voz, às práticas que não são supridas pelos grupos que monopolizam e detêm os lugares de fala, determinando as formas de exercício válidas, consideradas hegemônicas, desconsiderando por vezes a perspectiva social que traça a diversidade, nem mesmo os traços semióticos das expressões.

De acordo com a definição de Iris Marion Young (2000, p. 136), o conceito de “perspectiva social” reflete o fato de que “pessoas posicionadas diferentemente na sociedade possuem experiência, história e conhecimento social diferentes, derivados desta posição”. É dessa forma que a favela se expressa na dinâmica própria do espaço - percebendo na realidade uma leitura de mundo de diferentes maneiras -, delineado na compreensão dos problemas do espaço da favela, o que não confere o “viver” das mesmas experiências de vida àqueles que não estão no mesmo espaço de fala, os quais mantêm perspectivas sociais diferenciadas. (YOUNG, 2000, p. 136).

se olharmos a nossa volta, logo nos damos conta de que são muitos e variados os valores e concepções de mundo vigentes numa sociedade complexa e diferenciada (...) diversos modos de vida são recriados. (ARANTES, 2012, p. 10)

A organização social na favela é orientada pela sua própria cultura popular, que remete a um amplo espectro de concepções, cunhadas nas práticas sociais locais, representando legítimo exercício de resistência à leitura hegemônica de favela.

As manifestações e expressões nas redes sociais pela favela, delineadas pela construção da autorrepresentação, podem assim ser compreendidas como signo de elaboração ou estratégia contra-hegemônica. Eis que a identidade não é elemento estático, mas encontra na mobilidade das relações com o cotidiano a sua (re)elaboração nos lugares e elementos que

amparam o estabelecimento das identidades, consistente na diversidade ou nas formas desiguais de apropriação do espaço em si e da realidade nele moldada.

Nesse aspecto, Fraser (2003) aponta que a injustiça social deve ser perquirida sob duas questões: econômica e cultural. A luta contra a injustiça social pela inclusão demanda a reivindicação pela redistribuição de riquezas, e em outro extremo, o reconhecimento das múltiplas expressões culturais dos grupos subalternos, que elevem o valor da experiência e de sua manifestação.

A individualidade, como assinala Chauí (1986), é elemento preponderante da classe média. Para baixo, inexistem indivíduos, apenas a ideia de massa. Quando se concebe a favela como espaço homogêneo estereotipado, imprime-se a visão autoritária verticalizada, refutando as práticas sociais do grupo e as estratégias de sobrevivência e organização social dos moradores da favela, contribuindo para a reificação dos sentidos históricos empregados a favela.

Por outro lado, o cotidiano e as práticas sociais evidenciados por meio da rede social de facebook são instrumentos que integram a autorrepresentação na construção de novas identidades, aportadas na experiência do cotidiano dos moradores, que além de romper com a leitura de favela verticalizada, promovem uma espécie de sustentabilidade comunicativa horizontalizada, à medida em que (re)constroem a imagem da favela e de seus moradores, (re)significando o espaço como lugar reinventado pelo viver.

A promoção dessa sustentabilidade da favela, com esteio na comunicação em redes sociais, pode ser compreendida como direito de resistência contra a leitura verticalizada de favela. Por outro lado, propõe a apropriação da cidade como direito que adquirido no espaço cibernético - a expansão dos limites físicos citadinos, garantindo a representatividade não só dos espaços urbanos tidos como subalternos, como ainda na promoção do ser humano; e valorizando as experiências, bem como as relações sociais estabelecidas na e pela favela.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Antonio Augusto. *Cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da informação economia, sociedade e cultura*. Vol.I. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

FRASER, Nancy. *Social Justice in the Age of Identity Politics: Redistribution, Recognition, and Participation*. In: Fraser, Nancy e Honneth, Axel. *Redistribution or Recognition? A political-Philosophical Exchange*. Nova Iorque, Londres: verso, 2003. P. 7- 109

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2014.

RICOEUR, Paul. *A Simbólica do mal*. Lisboa: Edições 70, 2013.

SEN. AMARTYA. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Cia das Letras, 2000 apud Amorim, E. & Blanco M. *Desenvolvimento humano como expansão da liberdade e a sua relação com o IDH in IPP. Desenvolvimento humano e condições de vida na cidade do Rio de Janeiro*, em www.armazemdedados.rio.rj.gov.br.

SILVA, Jailson de Souza e; BARBOSA, Jorge Luiz. *Favela: Alegria e dor na cidade*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio; 2005.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VAZ, Sérgio. *Manifesto da Antropologia Periférica*. 2011. Fonte: <http://www.polifoniaperiferica.com.br/2011/12/manifesto-da-antropofagia-periferica-por-sergio-vaz/> acessado em 16 de março de 2017.

YOUNG, Iris Marion. *Inclusion and democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2000.